

PRÁXIS LÚDICA NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL HOSPITALAR: REVISÃO DE LITERATURA DE TESES E DISSERTAÇÕES

Recebido em: 05/07/2022

Aprovado em: 14/09/2022

Licença: 

*Miriã Martins de Brito*¹

Universidade Federal de São Carlos (UFScar)
São Carlos – SP – Brasil

*Aida Victoria Garcia Montrone*²

Universidade Federal de São Carlos (UFScar)
São Carlos – SP – Brasil

RESUMO: O objetivo do estudo foi identificar processos educativos decorrentes da práxis lúdica no contexto do atendimento educacional hospitalar (AEH) desde uma revisão de literatura. A metodologia foi a utilização de levantamento na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, no período de 2017 a 2021. Foram selecionadas e analisadas três dissertações. A análise permitiu a identificação dos seguintes processos educativos: ressignificação, enfrentamento da hospitalização, solidariedade, afetividade, motivação e sensibilidade. A práxis lúdica no AEH contribui no desenvolvimento educacional das crianças, assim como, no fazer docente do/a educador/a no contexto hospitalar. Os processos educativos identificados estão interligados numa perspectiva de transformação da realidade de hospitalização marcada pelo adoecimento, reafirmando a relevância desse atendimento.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Criança hospitalizada. Serviço hospitalar de educação.

PLAYFUL PRAXIS IN HOSPITAL EDUCATION CARE: LITERATURE REVIEW OF THESES AND DISSERTATIONS

ABSTRACT: The aim of this literature review was to identify the educational processes resulting from ludic praxis in the context of hospital educational care (HEC). The search of articles from 2017 to 2021, at Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations resulted in three dissertations selected for analysis. The educational processes identified were: resignification, facing hospitalization, solidarity, affectivity, motivation and sensitivity. Findings showed that the ludic praxis in the HEC contribute to children educational development in this setting and to teaching activity of hospital

¹ Licenciada em Pedagogia (2017) e Mestre em Educação (2020) pela Universidade Federal de São Carlos (UFScar). Atualmente doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação pela UFScar.

² Graduação em Obstetrícia e Puericultura pela Universidade de Chile (1973), Mestrado em Educação Especial (Educação do Indivíduo Especial) pela Universidade Federal de São Carlos (1992) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (1997). Atualmente é professora associada da Universidade Federal de São Carlos.

educators. All the educational processes identified in the HEC are interconnected in a perspective of transformation of the hospitalization reality marked by illness, addressing the need for more research seeking to unravel educational processes that permeate the social practice of the HEC, reaffirming its relevance.

KEYWORDS: Education. Hospitalized children. Hospital education care.

Introdução

Compreendemos o adoecimento como um período complexo na vida de crianças devido a uma sucessão de questões relacionadas desde o medo das agulhas, ansiedade, restrições, até ao distanciamento das pessoas e da vida cotidiana saudável (RIBEIRO; ÂNGELO, 2005). As diversas reações advindas da situação de hospitalização podem interferir no desenvolvimento de crianças e adolescentes que estejam em tratamento de saúde, sendo a adaptação ao ambiente hospitalar vinculada aos significados que vão sendo atribuídos por elas em suas vivências nesse espaço (BORTOLOTE; BRÊTAS, 2008).

Dessa forma, o serviço humanizado em saúde, isto é, o atendimento que leva em consideração o compromisso com a integralidade do ser humano, cuidando de todos os aspectos que permeiam a vida do sujeito em processo de hospitalização, possibilita a inserção de atividades que permitam a aproximação da criança com sua vida anterior ao período de hospitalização, contribuindo com o processo de recuperação e aceitação do tratamento de saúde e perspectiva de cura (SILVA; ANDRADE, 2013). Possibilitar a continuidade do desenvolvimento integral dessas crianças implica considerar a escolarização nesse contexto, observando a relevância que o papel da escola tem na vida destes sujeitos, além de permitir com que a situação de hospitalização seja também de descobertas, aprendizagens, significações e ressignificações das experiências construídas nesse ambiente (GONÇALVES; MANZINI, 2011).

Consideramos que por muito tempo na história da educação o contexto escolar foi compreendido como único espaço possível de elaboração do conhecimento e construção de aprendizagens, limitando a atuação de educadores/as ao contexto da escola e as práticas educacionais para crianças e adolescentes em seu papel de estudantes nesse ambiente. Contudo, esse panorama vem sendo modificado e a educação vem ganhando espaço significativo para além dos muros da escola, como em locais extraescolares (RABELO, 2011), como é o caso do contexto hospitalar onde a educação surge como possibilidade da continuidade da escolarização das crianças e dos adolescentes em tratamento de saúde.

A classe hospitalar refere-se ao local, ambiente ou espaço em que ocorrerá o Atendimento Educacional Hospitalar (AEH), isto é, a ação educativa nesse contexto para crianças e adolescentes em tratamento de saúde afastados de suas escolas regulares. Este atendimento encontra-se respaldado no documento intitulado “Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações” publicado pelo Ministério da Educação – MEC (BRASIL, 2002)³. Contudo, o termo Classe Hospitalar é polissêmico, interpretado de formas distintas pelos diferentes pesquisadores/as da área, sendo várias nomenclaturas utilizadas para referir-se a essa modalidade, como: escola hospitalar, pedagogia hospitalar, escolarização hospitalar e atendimento pedagógico-educacional hospitalar (ZAIAS; PAULA, 2010).

Dessa formam, o hospital pode ser espaço de ressignificação a partir das relações estabelecidas pelas crianças e adolescentes em hospitalização em trocas significativas nesse ambiente, especificamente pensando o AEH nas Classes Hospitalares. As interações entre diferentes pessoas podem ser compreendidas como práticas sociais e se desenvolvem no contexto de coletivos, instituições e associações, contribuindo com a

³ Vale destacar que em 2018, a Lei nº13.716/2018 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases –LDB, Lei nº9.394/96 incluiu o atendimento educacional hospitalar estabelecido no Art.4º-A (BRASIL, 2018).

elaboração de valores, conhecimentos e significados diante da vida garantindo os direitos de distintos grupos sociais (OLIVEIRA *et al.*, 2014).

Decorrem das práticas sociais os processos educativos que permeiam as relações humanas. São processos educativos ações que desencadeiam o ensinar, fazer, aprender em interações que se desenrolam no encontro entre as pessoas. Isto é, a construção ou a transmissão de saberes ocorre a partir das vivências entre homens e mulheres ao longo de suas vidas em interação uns com os outros em diferentes práticas sociais que ocorrem em diversos contextos, como escolas, bairros, praças, bares, hospitais e instituições religiosas.

Os estudos de Oliveira *et al.* (2014) vem apontando que os processos educativos se desenrolam inclusive em práticas sociais escolares, de maneira que “[...] os sujeitos que participam de tais práticas interconectam o aprendido em uma prática com o que estão aprendendo em outra [...]” (OLIVEIRA *et al.*, 2014, p.38). É nesse sentido que os processos educativos no interior dos hospitais, especificamente no atendimento educacional hospitalar, podem possibilitar com que a criança estabeleça relações com o que aprende na rua, em sua casa, seu bairro, em outros setores do hospital e em qualquer lugar que transita “[...] como ponto de apoio e referência para novas aprendizagens, inclusive aquelas que a escola visa proporcionar” (OLIVEIRA *et al.*, 2014, p.38).

Considerando os conceitos apresentados, buscamos identificar os processos educativos decorrentes da práxis lúdica no contexto do AEH em uma perspectiva que abarque a prática lúdica nesse atendimento. Para fins deste artigo, o recorte incide na revisão de literatura de teses e dissertações, no período de 2017 a 2021.

Práxis Lúdica no Atendimento Educacional Hospitalar

Teoria e prática na perspectiva de uma *práxis* podem ser consideradas como núcleos centrais de atividades educacionais que visem a construção crítica da realidade e o despertar consciente para ação no e com o mundo. Com o objetivo de ultrapassar a compreensão dicotomizada entre teoria e prática e aproximá-las como uma unidade, isto é, no sentido de uma relação simultânea e recíproca expressa no “[...] movimento das contradições nas quais os dois polos se contrapõem e se negam constituindo uma unidade” (CANDAUI; LELIS, 1991, p.54), recorreremos ao conceito de *práxis* sinalizado por Gonçalves Junior e Ramos (1998) como uma expressão grega que sinaliza “a ação consciente ou refletida do homem [e da mulher] a partir de suas necessidades” (GONÇALVES JUNIOR; RAMOS, 1998, p. 1).

Em Freire (2013, p.52) a *práxis* é a “ação e reflexão dos homens [e mulheres] sobre o mundo para transformá-lo”. Conforme Carvalho e Pio (2017) a ideia de *práxis* reúne um conjunto de elementos pensando práticas que busquem a transformação da realidade e a construção e produção da história dos sujeitos, referindo-se a tomada de conhecimentos, questionamentos e reflexões como ações transformadoras das realidades de homens e mulheres, de seus mundos.

A ligação entre teoria e prática, entre pensamento e ação, isto é, da *práxis*, é algo essencial para reflexão que inspira aqueles/as que anseiam a transformação do mundo. Com a sistematização e reflexão das experiências, os sujeitos colocam-se no processo de rever o feito ou a redizer o dito e assim reinventarem suas ações, de forma coerente e crítica para as mudanças que reivindicam em suas realidades. A *práxis* denota seu poder de transformação ao possibilitar com que os indivíduos exerçam seu papel no e com o mundo na busca por mudanças em diferentes âmbitos da vida.

Partindo desta compreensão de práxis e avançando para a elaboração do termo práxis lúdica sinalizamos a perspectiva de lúdico adotada neste estudo. Lúdico é uma palavra de origem latim que vem de *ludus* e refere-se ao jogo, ao exercício e a imitação, conquistando espaço na área da educação por estar relacionado ao mundo da criança e as brincadeiras que fazem parte do desenvolvimento infantil. Em uma abordagem a partir de um prisma objetivo, podemos apontar o lúdico como um ocorrência externa ao sujeito, cultural, social e historicamente, enquanto que em um prisma subjetivo, o lúdico pode ser sentido, como uma ação, emoção, mas não pode ser visto, ou seja, nesse caso o lúdico será a condição interna do sujeito. A vivência lúdica poderá gerar experiências em que a própria ludicidade vai constituindo o indivíduo (DE SOUZA MASSA, 2015).

As atividades lúdicas podem possibilitar com que as crianças desenvolvam parcerias, tornando-se cúmplices e corresponsáveis em jogos e brincadeiras. A curiosidade, a energia crítica e criativa que a experiência lúdica evoca nas pessoas brincantes tem poder transformador, de maneira que os desejos, a imaginação e a autonomia quanto as escolhas a serem feitas auxiliam na busca pela superação dos desafios que as sobrevêm (PINTO, 2007). É nesse sentido que o lúdico no contexto hospitalar, especificamente no AEH torna-se um aliado enriquecendo as atividades desenvolvidas nesse ambiente, auxiliando no desenvolvimento e na formação das crianças em diferentes aspectos. A partir do lúdico, a criança pode elaborar estratégias de enfrentamento da hospitalização, melhor ressignificando as experiências vivenciadas nesse momento de sua vida (VENDRAMIN; FERNANDES; MATTÃO, 2016).

Portanto, o termo Práxis Lúdica utilizado nesse trabalho, considera a ação educacional no contexto hospitalar, numa perspectiva de ação e reflexão em que o processo de ensino e aprendizagem contemple o estado lúdico da criança, isto é, que educandos/as no contexto do AEH desenvolvam atividades educacionais que evoquem

o estado de ânimo, de curiosidade, de criatividade em que exista a possibilidade de desvelamento de processos educativos que permitam a descobertas, significações, ressignificações de suas realidades.

Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se em uma revisão de literatura de teses e dissertações. A revisão de literatura consiste no levantamento de materiais já publicados, objetivando a organização, integração e avaliação desses estudos, considerando sua relevância para determinada área do conhecimento (KOLLER; DE PAULA COUTO; VON HOHENDORFF, 2014). Nesta investigação, a revisão de literatura seguiu as seguintes etapas: 1) delimitação de um tema de pesquisa e objetivo do estudo 2) definição dos critérios de inclusão e exclusão para busca das produções 4) coleta de dados 5) seleção, organização e análise dos materiais encontrados.

Com a delimitação da temática a ser investigada, processos educativos decorrentes da práxis lúdica no contexto do atendimento educacional hospitalar, a coleta dos dados foi realizada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD⁴ no mês de novembro de 2021. Foram estabelecidos como critérios de inclusão: teses e dissertações publicadas nos últimos 5 anos (2017-2021); produções que versassem acerca do atendimento educacional hospitalar (AEH); estudos disponibilizados nos repositórios online e gratuitamente. Como critérios de exclusão ficou definido: produções cujos textos não estivessem disponíveis online e gratuitamente e estudos de revisão bibliográfica.

⁴ Optamos pela base de teses e dissertações levantando a hipótese de que nessas produções podemos encontrar de forma mais detalhada e melhor descrita os processos que buscamos identificar como processos educativos que permeiam as atividades educacionais no contexto do AEH.

Para o levantamento usamos combinações com o Operador Booleano⁵ AND, entre as seguintes palavras/termos: pedagogia hospitalar, classe hospitalar, brinquedoteca hospitalar, lúdico, jogo, hospital. Tais descritores foram selecionados por serem palavras que podem ser encontradas nas produções que versam em seu bojo a temática deste trabalho. No primeiro momento da busca foram encontrados 26 resultados, com a leitura do título foram selecionadas 14 produções, a partir da leitura dos resumos obtivemos 6 publicações e, por fim, com a leitura na íntegra o resultado foi de três produções selecionadas para a análise. Conforme elucidada a figura a seguir:



Resultados e Discussão

O quadro 1 “Dissertações selecionadas na BDTD” apresenta as informações organizadas em título, ano, autores/as, tipo e universidade/programa das três produções selecionadas para análise. São estudos do tipo dissertação, publicados nos anos de 2017, 2018, 2019, versando a temática do AEH e as práticas educacionais nesse contexto. Para análise desses estudos, optamos pela leitura exhaustiva dos trabalhos trazendo os recortes dos aspectos relacionados às atividades educacionais oferecidas no contexto do AEH.

Quadro 1: Dissertações Selecionadas na BDTD

Título	Ano	Autores/as	Tipo	Universidade/Programa
As tecnologias de comunicação e informação e a mediação pedagógica: uma	2017	VASCONCELOS, Emanuele Cristina Silva Figueiredo	Dissertação	Universidade Federal Rural de Pernambuco Programa de Pós-Graduação em Tecnologia

⁵ Os Operadores Booleanos funcionam como palavras que combinam melhor os termos de busca da pesquisa.

proposta para classe hospitalar da rede municipal do Recife - PE				e Gestão em Educação a Distância
Práticas pedagógicas em ambiente hospitalar: a contação de histórias na perspectiva das crianças de um centro de oncologia	2018	RIBEIRO, Osdi Barbosa dos Santos	Dissertação	Universidade Estadual de Feira de Santana Mestrado Acadêmico em Educação
Olhares e narrativas de crianças hospitalizadas sobre a vida escolar	2019	LINO, Ana Maria	Dissertação	Universidade Federal de São Carlos Programa de Pós-graduação em Educação

Fonte: Autoria Própria

Na dissertação nomeada “As tecnologias de comunicação e informação e a mediação pedagógica: uma proposta para classe hospitalar da rede municipal do Recife - PE”, Vasconcelos (2017) apresenta como objetivo compreender como ocorre o trabalho pedagógico-educacional, bem como as atribuições dos/as profissionais pedagogos/as e o processo de aprendizagem nas classes hospitalares, usando dispositivo tecnológico como recurso diferente para fomentar a motivação nos estudantes hospitalizados no município de Recife. A pesquisa qualitativa contou com a observação participante. Os resultados apontaram que a pedagogia hospitalar é embasada em uma abordagem sócio-construtivista que abarca o lúdico como aliado no desenvolvimento psicológico do estudante hospitalizando, contribuindo com a continuidade também no desenvolvimento pedagógico educacional dessas crianças, adolescentes e até responsáveis acompanhantes no contexto hospitalar. Conforme a pesquisadora, o/a pedagogo/a da classe hospitalar desenvolve em sua prática ações permeadas por valores humanos buscando a construção do conhecimento. Também como resultado dessa pesquisa a proposta final foi a produção de material didático digital –MDD tanto para os docentes como para gestores da classe hospitalar (VASCONCELOS, 2017).

A dissertação intitulada “Práticas pedagógicas em ambiente hospitalar: a contação de histórias na perspectiva das crianças de um centro de oncologia” de Ribeiro

(2018) teve como objetivo entender os sentidos conferidos pelas crianças de um hospital oncológico às práticas educacionais no contexto hospitalar, em especial a contação de histórias. A pesquisa qualitativa do tipo descritiva contou com a observação sistemática, o diário de campo e a entrevista. Dentre os resultados do estudo, as práticas pedagógicas no contexto hospitalar vão se destacar no que dizem respeito as suas intencionalidades, no aspecto educativo sob linhas da escolarização e do lúdico. Também foi constado nessa investigação que a criança ao participar da prática educacional de contação de história, assume uma postura de sujeito participativo e ativo com a oportunidade de reflexão sobre as vivências naquela situação de hospitalização, podendo romper com o estado de paciente que o momento de adoecimento lhe confere (RIBEIRO, 2018).

A dissertação denominada “Olhares e narrativas de crianças hospitalizadas sobre a vida escolar” de Lino (2019) buscou em seu objetivo analisar e compreender o que as crianças dizem acerca das práticas escolares, suas vivências e ações no decorrer do atendimento na classe hospitalar. A pesquisa qualitativa contou com o instrumento de jogos como possibilidade lúdica na captação das narrativas construídas pelas crianças. A análise dos dados expressa o que as crianças compreendem e dizem sobre as atividades escolares, atitudes, escolarização e ludicidade no contexto hospitalar, as narrativas das crianças apontam a concepção bancária de educação, meritocrática e desarticulada de aprendizagens significativas, ao mesmo tempo que indicam atitudes, valores e prazeres relacionados as vivências relacionadas a lúdico e a afetividade que compõem saberes e aprendizados fora do ambiente escolar. A elaboração das narrativas das crianças participantes contribui para afirmar sua posição de sujeito e chamam para possibilidades de humanização e transformação que a escola pode desenvolver no cotidiano dessas crianças em hospitalização (LINO, 2019).

Processos Educativos Desvelados no AEH: Ressignificação, Sensibilidade, Solidariedade, Afetividade e Enfrentamento da Hospitalização

A partir da análise das produções selecionadas, foi possível a identificação dos processos educativos que traremos em discussão nesta seção do artigo: **ressignificação, enfrentamento da hospitalização, solidariedade, afetividade, motivação e sensibilidade.**

A atuação dos/as profissionais no contexto hospitalar é tocada por transformações profundas e significativas se considerarmos que as situações desafiadoras nesse ambiente, guiam os pensamentos e as ações desses sujeitos. Na pesquisa de Vasconcelos (2017) a partir de seus escritos em diário de campo, a pesquisadora apontou as experiências vivenciadas e relatadas pelas educadoras no decorrer de suas atuações em ambiente hospitalar no AEH. Ao atuar nesse espaço ocorre uma exigência quanto a desconstrução por parte dos/as educadores/as do que compreendiam como práxis pedagógicas existentes e que antes permeavam a sala de aula regular através de uma rotina fixa, currículo, normas, tempo pedagógico e o próprio entendimento de vida.

As vivências no contexto hospitalar levam os/as docentes “[...] a conviver com o óbito, planejar de outra forma pra reconstruir novos conceitos que diferem quase que completamente de uma escola regular” (VASCONCELOS, 2017, p.48). A construção do conhecimento através dessas situações possibilita um processo conscientizador do fazer docente, de formação e de aprendizagens não unicamente de cunho pedagógico, mas para a vida. A partir do momento em que assume seu compromisso como docente na classe hospitalar, o/a educador/a passa a compreender a rotina do hospital e a buscar também pelo entendimento sobre as doenças e seus tratamentos, os procedimentos que

podem ser tomados em casos de intercorrências e como organizar e ministrar aulas no leito de uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI), por exemplo.

A **ressignificação** como processo educativo, portanto, apresenta-se no fazer educacional da atuação do/a educador/a como novo elemento no AEH, no momento que se percebe no desafio de refazer seu olhar para a prática pedagógica no hospital, podendo elaborar atividades que contemplem ações lúdicas em um planejamento flexibilizado e que considere também as diferentes percepções das dimensões da vida na elaboração de compreensões éticas, de cuidado e sensibilidade em suas práticas. A ressignificação como processo educativo não se restringe a ação do/a educador/a, mas estende-se ao papel que a criança hospitalizada ocupa enquanto educando/a no decorrer da práxis lúdica no AEH.

Nesse sentido, uma prática educacional focada na perspectiva lúdica possibilita uma formação escolar considerando o desenvolvimento integral do Ser Criança oportunizando condições para que os/as educandos/as hospitalizados signifiquem e ou ressignifiquem o momento de hospitalização e a forma como vem e se sentem no hospital, através dos processos educativos que advém do AEH. Vasconcelos (2017) destaca que “os alunos que em princípio estavam tristes e apáticos, aos poucos passaram a demonstrar interesse, curiosidade, semblante mais alegre e mais disposição para frequentar as aulas” (VASCONCELOS, 2017, p.64). Ou seja, puderam a partir da interação com atividades lúdicas, ressignificar aquele contexto hospitalar, optando por frequentar as aulas e participar desses momentos diferenciados e lúdicos que o AEH oportunizava.

A prática lúdica da contação de história no contexto do AEH foi apresentada na pesquisa de Ribeiro (2018) como forma de auxiliar a criança hospitalizada a desfocar da sua doença. As histórias contadas puderam trabalhar questões advindas da situação de

hospitalização a partir das necessidades reais das crianças, ao mesmo tempo contribuindo com a condução do momento difícil que estavam vivenciando. O ressignificar nesse momento, abriu espaço para a compreensão também de outro processo educativo que identificamos no AEH, o **enfrentamento da hospitalização**.

A contação de história aliada a prática educativa do educador/a da classe hospitalar, permite com que as crianças criem estratégias para enfrentarem o afastamento dos amigos, da família e da escola, bem como a lidar com perdas, atenuando as ansiedades, os medos, e os sofrimentos ao oportunizar a reflexão de seus próprios sentimentos e suas vivências nesse contexto, conforme podemos observar na fala das crianças colaboradoras da pesquisa de Ribeiro (2018):

Quando fico ouvindo a história me sinto bem, porque eu penso em tudo que está passando lá naquela história. Eu presto bem atenção, eu até esqueço o que passei, a doença. Eu gostava e ainda gosto. Eu esqueço um pouco dessas coisas que eu vivo, me distraio, fico rindo, me divirto, eu aprendo as coisas. Aí não fico pensando, assim, em ter medo. [...] Eu até esqueço o que estou passando aqui. Conta história. Eu gosto muito, eu fico muito feliz! Porque são muito bonitas e emocionantes as histórias (JULIANA, 2017 *apud* RIBEIRO, 2018).

Eu fico muito feliz. A história deixa a pessoa mais alegre. Alegre, a gente conversa com os outros. Eu consigo imaginar flores, árvores, animais falantes, pessoas felizes. Como eu posso dizer? Leva a pessoa para o mundo da imaginação, um mundo diferente. Num mundo que todo mundo acaba muito feliz. Que não tem doença. Um mundo bonito! Tem árvore e flores para todos os lados. Onde a gente sempre pode escolher ser feliz (AMORA, 2017 *apud* RIBEIRO, 2018).

Eu me sinto alegre. Sinto que eu estou na história brincando e eu não estou aqui. Que eu estou em um mundo bonito. Lá é bom. Os personagens são legais, eles brincam de pega-pega. Lá as pessoas são felizes. Eu gosto porque as histórias que a pedagoga conta trazem emoções, cada história traz uma emoção diferente (LAYLA, 2017 *apud* RIBEIRO, 2018).

Em uma concepção lúdico-pedagógica-terapêutica, a contação de histórias pode minimizar os sofrimentos causados pela hospitalização, contudo a atenção deve ser redobrada na seleção da escolha desses textos para que sejam adequados a idade dessas crianças, trazendo aspectos significativos, alegres, positivos para o cotidiano da mesma, possibilitando interações, trocas e aprendizagens entre o/a educador/a e as crianças e

seus/as colegas da classe hospitalar no momento do AEH. Por exemplo, conforme, destaca Ribeiro (2018, p.90) no contexto de sua pesquisa: “[...] a história de Rapunzel ou histórias que abordem a morte não são trabalhadas pela pedagoga, justificado como uma forma de preservar a criança de falar sobre situações que trazem mais tristeza e remete a perdas para elas”. Caso essas histórias sejam sugeridas pelas crianças o/a educador/ no AEH deve criar formas de contextualizar e trabalhar esses enredos para não causar impacto negativo no tratamento dos/as educandos/as.

Ainda pensando o enfrentamento da hospitalização como processo educativo percebido no decorrer do AEH na prática lúdica da contação de histórias, quando as crianças conseguem estabelecer um vínculo entre a história por elas ouvida e o mundo cotidiano por ela vivenciado, criam uma percepção crítica da realidade elaborando formas de lidar com situações desse contexto, conforme afirma uma das crianças colaboradora da pesquisa de Ribeiro (2018):

Eu gosto de ouvir história porque eu escuto história desde criança, desde quando eu era pequeno na escola. Então é uma coisa que me faz bem, me faz feliz (ABRAÃO, 2017, *apud* RIBEIRO, 2018).

Eu imagino tudo aquilo que ela está contando. Tipo, a história dos três porquinhos, eu imagino tudo na minha mente que está passando na história, é como se eu tivesse lá. Às vezes eu viajo para outro mundo, as vezes não. Por exemplo, nesse mundo da história não tem doença, não tem nada. Não tem violência como tem hoje. Não tem morte. Tudo em paz. Não é um mundo real, o que a gente vive hoje, é um mundo criativo (ABRAÃO, 2017 *apud* RIBEIRO, 2018).

O AEH ao ser pensado e desenvolvido por meio de uma práxis lúdica, seja através da brincadeira, dos jogos ou da contação de histórias, estimula a criatividade e abre espaço para que a criança se sinta ou imagine-se no ambiente escolar, mesmo estando no hospital. “[...] A pedagoga é a professora, ela não traz injeção, diagnóstico e medicamentos, mas sim a prática pedagógica envolvendo o lúdico, proporciona o sorriso, a brincadeira, a contação de histórias e a possibilidade de conversar com o outro” (RIBEIRO, 2018, p.75).

A criança compreendida como sujeito aprendente tem o direito de brincar e vivenciar o que é próprio dessa fase do desenvolvimento. Através de práticas educacionais fundadas em intencionalidades que contemplem a perspectiva lúdica e escolar, mesmo em um contexto hospitalar, a criança pode desenvolver papel ativo no que lhe acontece, de maneira que se sinta à vontade para expressar, falar de si, do que ouviu e sente (RIBEIRO, 2018).

Assim, a vertente do lúdico pensada no AEH, vai além da perspectiva da escolarização enfatizando outros aspectos que fazem parte do processo de aprendizagem ao longo da vida, e nesse contexto, no decorrer da hospitalização, pode desvelar a **solidariedade**, como processo educativo advindo também da práxis lúdica no AEH. O relato da experiência singular de cada criança no seu processo de hospitalização, ao ser compartilhado entre elas possibilita a compreensão de que outras pessoas estão vivenciando dificuldades parecidas com as suas e, portanto, se reconhecem nesse outro. A partir disso, podem conversar, trocar informações sobre as formas de lidar com essa situação de adoecimento (RIBEIRO, 2018).

Na brinquedoteca a pedagoga faz atividade. Eu gosto muito de jogar *playstation* e outra atividade que eu gostei de fazer foi a brincadeira de bingo. Eu e minha mãe ganhamos um monte de brindes. Aí uma menina não ganhou e eu dei um para ela. Eu penso assim, está todo mundo aqui junto brincando, não é? [...] (NARUTO, 2017, *apud* RIBEIRO, 2018).

[...] não existe só eu com isso. Outras pessoas também ficam tristes e a gente conversa uma com a outra disso e com a professora. Eu venho pra cá para ficar boa logo (JULIANA, 2017, *apud* RIBEIRO, 2018).

Eu me sinto bem, porque a história além de alegrar a mim, ela alegra a outra pessoa (ABRAÃO, 2017, *apud* RIBEIRO, 2018).

Na pesquisa desenvolvida por Lino (2019) as narrativas das crianças no contexto da classe hospitalar nos auxiliam a compreender como percebem a escolarização e o lúdico nesse espaço. A autora contou com o instrumento lúdico (jogos) e dinâmicas para a coleta de dados em forma de narrativas infantis. Foi possível a compreensão a partir dos olhares das crianças, expressos em suas falas e que atribuem a função de

continuidade a escolarização na classe hospitalar, mas também o aspecto lúdico como elemento afetivo no decorrer das atividades que realizaram durante o tratamento de saúde. O caráter lúdico presente nas narrativas das crianças remete as atividades em classe hospitalar relacionadas a pinturas, jogos e brincadeiras e das artes em geral, distanciando das práticas realizadas no contexto da escola regular.

A classe hospitalar é considerada nas narrativas mais divertida e agradável que a escola regular, porque embora as atividades tenham propostas semelhantes, as crianças percebem o cuidado das professoras e a possibilidade de fazer atividades com maior flexibilidade (LINO, 2019, p.180).

Complementa a afirmação acima, os achados da pesquisa de Ribeiro (2018) quando esta relata que a instituição colaboradora não contava com um espaço específico para atividades educacionais, como a classe hospitalar, contudo, a pedagoga entrevistada apresenta sua busca em contribuir com o desenvolvimento educacional das crianças naquele contexto, a partir de um enfoque pedagógico que considere a vertente lúdica no processo de escolarização. Desse modo, a intencionalidade do fazer educativo dessa profissional, compunha-se em uma perspectiva da qual estamos apresentando neste texto como práxis lúdicas no AEH.

Fica evidente nos depoimentos das crianças colaboradoras da pesquisa de Lino (2019) que as atividades lúdicas são prazerosas e desvelam o processo educativo da **afetividade**, possibilitando com que façam amizades e estabeleçam relações de trocas e sociabilidade. A afetividade é apontada quando em “[...] suas narrativas as crianças expressam o valor de gestos e de troca e práticas de vida que contemplam a partilha, a solidariedade com sentidos amorosos, interpessoais, poéticos, poiéticos e lúdicos” (LINO, 2019, p.180).

As atividades que guiavam o AEH foram consideradas por Vasconcelos (2017) como estratégias de minimizar a dor pelo trauma, despertando a interação, a

curiosidade, criatividade das crianças, respeitando suas individualidades e estimulando sua autoestima quanto à superação das possíveis dificuldades escolares encontradas no seu processo de escolarização. Ao ser proposta, por exemplo, o uso da tecnologia e da comunicação em uma prática lúdica na classe hospitalar, o/a educando/a hospitalizado/a recebe um estímulo, despertando sua curiosidade para compreender como funciona e manipula a ferramenta disponibilizada.

Dessa forma, estamos pensando na **motivação** como mais um processo educativo decorrente da práxis lúdica no AEH. Vasconcelos (2017) constatou que o recurso da internet produziu atitudes estimulantes nas crianças da classe hospitalar, como “disposição para frequentar as aulas, prazer em realizar as atividades e satisfação em sentir-se produtivo ao desenvolver as atividades” (VASCONCELOS, 2017, p.64).

Essa afirmação “sentir-se produtivo” nos encaminha a reflexão do lúdico estabelecendo relação com o referencial teórico apresentado nesse estudo, em que o lúdico não somente diz respeito a atividade em si, mas remete a um estado de ânimo como propõe De Souza Massa (2015). Vasconcelos (2017) ressalta que os recursos tecnológicos de informação e comunicação (computador, lego, mesa interativa, tablete) disponíveis na classe hospitalar não se constituem unicamente como facilitadores do processo educacional e do fazer pedagógico, mas são elementos essenciais para a “mudança de estado de espírito” em que o/a educador/a será o/a mediador/a da interação da criança com o instrumento tecnológico. Para além de

[...] um produto do conhecimento e da técnica acumulada ao longo dos anos, mas sim, é o saber fazer, um processo o qual encaminha o ser humano a buscar sempre a superação em suas tarefas. Os alunos trabalham em busca de soluções para resolver problemas relacionados a temas relevantes do mundo real (VASCONCELOS, 2017, p.51).

Quanto a isso, Freire (2018) alerta:

O educador ou educadora crítica, exigente, coerente, no exercício de sua reflexão sobre a prática educativa ou no exercício de sua reflexão sobre a prática educativa ou no exercício da própria prática, sempre a entende em sua

totalidade. Não centra a prática educativa, por exemplo, nem no educando, nem no educador, nem no conteúdo, nem nos métodos, mas a compreende nas relações de seus vários componentes, no uso coerente por parte do educador ou da educadora dos materiais, dos métodos, das técnicas (FREIRE, 2018, p.151).

Assim como o processo educativo de ressignificação contempla o/a educador/a e educando/a no contexto hospitalar, a motivação como processo educativo pode possibilitar a ultrapassagem de barreiras tanto para a criança quanto para o profissional que muitas vezes se frustram ao perceberem a complexidade na execução/planejamento da aula no AEH (VASCONCELOS, 2017). Ao aliar o uso de outros recursos lúdicos, incluindo tecnológicos e de comunicação, contação de histórias, jogos, brincadeiras em atividades educacionais, o/a profissional pode perceber a motivação da criança no cumprimento das atividades, sentindo-se motivado/a e engajado/a a cada vez mais aprimorar seus conhecimentos para inovar sua prática nesse contexto na perspectiva de uma práxis lúdica.

Vasconcelos (2017, p,65) afirma:

Saber lidar com a motivação dessas crianças vai muito além de apenas teorias, é preciso internalizar a humanização, perceber que aquelas vidas, as quais estão diante de ti podem não mais estar a qualquer momento e que você tem a chave para contribuir e passar por ela construindo significados positivos para essas crianças.

Portanto, compreende como essencial possibilitar momentos prazerosos em que o desenvolvimento cognitivo dentro do hospital ocorra através da ação educativa e lúdica, especialmente na AEH, através daquele/a educador/a que se compromete com seu exercício na docência distanciando-se do modelo de uma educação bancária e se aproximando da ideia de uma educação reflexiva, crítica e consciente, assumindo uma postura sensível diante dessa atuação. A **sensibilidade**, portanto, foi outro processo educativo destacado nos trabalhos analisados, considerando que o fazer educativo no AEH, deve contar com a compreensão de que “A vida no hospital, segue, não na mesma velocidade de quem vive a correria do mundo do lado de fora, mas ela segue contando

que a cada minuto é uma vitória para a cura, cada dia é uma nova oportunidade de vida” (VASCONCELOS, 2017, p. 50).

Considerações Finais

A proposta do presente artigo foi a de identificar os processos educativos decorrentes da práxis lúdica no contexto do AEH desde uma revisão de literatura. Isto é, a partir da análise das produções coletadas, buscamos compreender as práticas lúdicas realizadas no decorrer do atendimento educacional no ambiente hospitalar, nomeando aquilo que identificamos como processos educativos.

Com a análise dessas produções podemos destacar que a práxis lúdica no AEH é um importante aliado no processo de ensino e de aprendizagem das crianças hospitalizadas, contribuindo também com o educador/a no seu fazer docente produzindo processos educativos como a ressignificação, o enfrentamento da hospitalização, a solidariedade, afetividade, motivação e sensibilidade. Todos esses processos educativos advindos da práxis lúdica no AEH estão interligados em uma perspectiva de transformação da realidade de hospitalização marcada pelo adoecimento.

Os resultados evidenciados nesta produção apontam para a necessidade de continuidade de pesquisas que busquem desvelar processos educativos que permeiam a prática social do AEH, reafirmando a relevância desse atendimento para crianças e adolescentes que estão afastados de suas escolas regulares, contudo não somente em uma perspectiva de escolarização, mas de uma ação lúdico-pedagógica que estimule a vontade de viver e vencer as barreiras relacionadas a enfermidade e que vão surgindo no decorrer do tratamento de saúde.

Estudos de revisão de literatura de teses e dissertações são limitados devido ao número reduzido de produções nesta área de conhecimento. Porém entendemos que os

resultados apresentados neste artigo possibilitam reflexões para investigações futuras que contemplem a temática do AEH na perspectiva da práxis lúdica, contribuindo com esta área de investigação.

REFERÊNCIAS

BORTOLOTE, Giovana Soares; BRETAS, José Roberto da Silva. O ambiente estimulador ao desenvolvimento da criança hospitalizada. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 422-429, 2008.

BRASIL. Decreto 13.716 de 24 de setembro de 2018. **Diário oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 25 set. 2018, v. 195, seq.1, p. 2.

BRASIL. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Secretaria de Educação Especial – Brasília: MEC; SEESP, 2002. 35 p.

CANDAU, Vera Maria; LELIS, Isabel Alice. A relação teoria-prática na formação do educador. *In*: CANDAU, Vera Maria. (org.) **Rumo a uma nova didática**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. p.49-63.

CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de; PIO, Paulo Martins. A categoria da práxis em Pedagogia do Oprimido: sentidos e implicações para a educação libertadora. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 98, p. 428-445, 2017.

DE SOUZA MASSA, Monica. Ludicidade: da etimologia da palavra à complexidade do conceito. **Aprender-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, n. 15, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GONÇALVES, Adriana Garcia.; MANZINI, Eduardo José. **Classe hospitalar: poesia, texto e contexto de crianças e adolescentes hospitalizados**. Marília: ABPEE, 2011.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz.; RAMOS, Glauco Nunes Souto. A prática de ensino e o estágio supervisionado nos cursos de licenciatura em educação física. **Revista da Unicastelo**, São Paulo, v. I, n. 1, p.13-15, 1998.

KOLLER, Sílvia H.; DE PAULA COUTO, Maria Clara P.; VON HOHENDORFF, Jean. **Manual de produção científica**. Penso Editora, 2014.

LINO, Ana Maria. **Olhares e narrativas de crianças hospitalizadas sobre a vida escolar**. 2018. 224 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

OLIVEIRA, M. W. *et al.* Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. *In*: OLIVEIRA, M.W.;

SOUSA, F.R. de (Orgs). **Processos educativos em práticas sociais:** pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

PINTO, L.M. Vivências lúdicas no lazer: humanização pelos jogos, brinquedos e brincadeiras. *In:* MARCELLINO, N.C. (org.). **Lazer e cultura.** Campinas: Alínea, 2007. p. 171-193.

RABELO, Francy. A formação do pedagogo em contexto hospitalar: reflexões e práticas na garantia do direito a educação da criança e do adolescente hospitalizado. **UDESC em Ação.** v. 5, n. 1, 2011.

RIBEIRO, O.B.S. **Práticas pedagógicas em ambiente hospitalar:** a contação de histórias na perspectiva das crianças de um centro de oncologia. 2018.140 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

RIBEIRO, C.A; ANGELO, M. O significado da hospitalização para a criança pré-escolar: um modelo teórico. **Revista da Escola de Enfermagem da USP,** São Paulo, v. 39, n. 4, p. 391-400, 2005.

SILVA, N.; ANDRADE, E. **Pedagogia hospitalar:** fundamentos e práticas de humanização e cuidado. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2013.

VASCONCELOS, E. C.S.F. **As tecnologias de comunicação e informação e a mediação pedagógica:** uma proposta para classe hospitalar da rede municipal do Recife – PE. 2017. 93 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2017.

VENDRAMIN, M.J.; FERNANDES, R.F; MATTÃO, P. Os benefícios do lúdico na pedagogia hospitalar. **Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa,** Faculdades Promove de Brasília, p. 1-14, 2016.
http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/f9ef5f5a689ffa9382d459c2af8174a1.pdf. Acesso em: 25 fev 2022.

ZAIAS, Elismara; PAULA, Ercilia Maria Angeli Teixeira. A produção acadêmica sobre práticas pedagógicas em espaços hospitalares: análise de teses e dissertações. **Educação Unisinos,** v. 14, n. 3, p. 222-232, 2010. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-62102010000300008. Acesso em: 10 fev 2022.

Endereço das Autoras:

Miriã Martins de Brito
Endereço Eletrônico: mihmartins23@hotmail.com

Aida Victoria Garcia Montrone
Endereço Eletrônico: montrone@ufscar.br